

SINAIS

(Paulo Flávio)

Era uma vez um grupo de servidores híbridos (públicos, mas inseridos por dispositivo legal em categoria majoritariamente privada) descontente com os rumos da administração de pessoal na Casa. Fosse na política salarial, fosse na ascensão funcional, fosse no trato muitas vezes autoritário, aqueles jovens enxergavam problemas a longo prazo e perigo à vista. Expeditos, começaram a se organizar, buscando meios de expressão e reivindicação. Sinal de vitalidade. Em pouco tempo, lançaram um jornal de circulação interna, chamado O Ovo. Trataram de fertilizá-lo, buscando a participação de outros novos colegas e a experiência de alguns dos mais antigos.

Passado um tempo, graças à persistência dos “oveiros” e devido ao acirramento das condições de temperatura e pressão no clima organizacional, eclodiu uma Associação. Com ela, veio a ideia de fundar um sindicato. Sinal de capacidade e força.

A sindicalização lhes era proibida por lei, mas tinham esperança nas mudanças políticas atravessadas pelo país e movimento não precisa de papel registrado.

Havia muito por fazer, muitas reuniões eram necessárias, representantes regionais precisavam viajar. Numa dessas andanças, depois de dois dias de discussões intermináveis e alguns avanços obtidos, três diretores estavam num voo, de Brasília para o Rio, quando uma turbulência forte começou. Os dois homens se entreolharam com ar de preocupação, mas a mulher permaneceu tranquila. Além de não ter medo de voar, tinha certeza de que avião em que andasse jamais cairia. Não nascera pra morrer de acidente. Os dois varões tentavam demonstrar calma. A chacoalhada aumentava. Os líquidos já não se continham nos copos, as bandejas das poltronas estremeciam como papel ao vento. Subitamente, uma senhora saiu de seu assento e percorreu a aeronave, aplicando o sinal da cruz sobre diversos pontos da fuselagem, com o braço erguido e o indicador em riste. Os passageiros faziam absoluto silêncio. No instante em que a benzedeira voltou ao seu lugar, a aeronave encontrou um buraco no céu e despencou

SINAIS

(Paulo Flávio)

uns trinta metros, de barriga, por inteiro, fazendo soar um coro de gritos díspares, mas em uníssono, contando com a participação dos três intrépidos dirigentes. Sinal de humanidade.

Depois disso, muitas situações turbulentas vieram, muita briga, a primeira greve da história da Casa, a primeira vitória deliciosa. E muitos “causos” nasceram heroicizando ou demonizando aqueles que estavam à frente dos acontecimentos. Desentendimentos não faltaram, fofocas pipocaram e a luta continuou. Promulgada a nova Constituição, parte da galera queria se filiar ao Sindicato dos Bancários, outra parte queria um sindicato próprio, novo. A pendenga foi parar no TST, em sessão com lotação esgotada. Foi lá que uma diretora pró-sindicato novo se viu, de repente, longe dos seus pares, cercada por colegas favoráveis aos bancários. Um deles era muito seu chapa, um cabra simples, conhecido por Lourenço, que ali, ao lado dela, passava informações equivocadas a outro camarada, falando das perdas enormes a advir do tal sindicato pretendido. A diretora, de muitos bons modos, entrou no papo, tentando esclarecer melhor as coisas, no momento em que um dos juízes lançava mais um voto favorável na conta da nova agremiação. Pra que! O tal Lourenço virou bicho, puxou o colega pela camisa, dizendo “ela é dos Entes” e completando a frase com uma enxurrada de palavrões. Sinal de ignorância. Ela sentiu-se chocada. E lembrou-se imediatamente da canção de Ruy Maurity e José Jorge, “Serafim e Seus Filhos”. Só não saiu correndo pelo medo de parecer ter medo, embora estivesse aterrorizada com uma possível lobisomice do Lourenço bancário. Sinal de imaturidade.

O novo sindicato, fundado, nomeado, aprovado e registrado, prosseguiu na defesa dos interesses de seus representados. Como era de se esperar, houve nova greve. A Superior Administração calçou as botas e a Polícia Militar foi chamada. No Rio de Janeiro, a Diretoria Regional e os ativistas mais chegados improvisaram uma reunião na

SINAIS

(Paulo Flávio)

garagem do prédio da Avenida Presidente Vargas. Na ocasião, havia duas diretoras disfarçando a paura. Evidentemente, a presença da PM era preocupante numa nação que engatinhava na trilha da democracia, mas as duas mulheres ocultavam um agravante. A mais madura acabara de fazer uma consulta astrológica e seu trânsito advertia quanto à possibilidade de grande escândalo. Trocavam olhares significativos, estavam trânsidas de medo, mas nem aos maridos ousariam contar que estavam assim apavoradas por conta da passagem de Netuno por sabe-se lá qual casa astral. Sinal de fé em algo maior. Inspiraram profundamente para tomar coragem e foram enfrentar a tropa. Agiram com tanto garbo e naturalidade que a consulente astrológica acabou protagonizando uma foto antológica.

Com o passar dos anos, as assembleias do SINAL (versão reduzida de seu longo e expressivo nome) saíram das salas para os saguões, sem mesas formais, com todo mundo falando no e do mesmo patamar. Ao término de uma dessas reuniões, um colega se dirigiu à mais jovem daquelas duas diretoras levemente esotéricas com uma pergunta claramente relativa às questões de segurança do prédio. Ela lhe respondeu que fosse perguntar ao Bispo. O homem lhe devolveu um olhar direto, com a marca inequívoca da decepção. Ela recordou de imediato o ditado antigo, e apressou-se a explicar que falava do chefe da segurança, o Zé Bispo. A representante e o representado riram com vontade e ainda se entreolharam por uns instantes, mantendo um sorriso legitimamente democrático. Sinal de entendimento.

Décadas se passaram e o jovem Sindicato chega, neste 2013, aos 25 anos, em condições de honrar seus propósitos e de celebrar. Sinais de progresso. Sinais de sucesso.